

# ACOLHIDA

## PATET PORTA, MAGIS COR

“Abre-se a porta, mais ainda o coração”, e, por analogia, esta nossa edição toda dedicada a Emmanuel Levinas<sup>1</sup>. O analogado existente no verbo *abrir* fundamenta e caracteriza a tonalidade do número em questão, onde, o termo central levinasiano *accueil*, acolhimento, nos outorga a possibilidade de empreender uma análise fenomenológica da porta. Afinal, porta é sempre acolhida. Pois é o que será feito nesta introdução.

---

<sup>1</sup> Emmanuel Levinas (1906-1995) é o representante mais importante da filosofia judaica na França. Suas duas primeiras obras foram sobre a fenomenologia de Husserl: *Theorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl* (1930) e *En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger* (1949), período que poderia ser chamado de o “primeiro Levinas”. Mais tarde publicou diversos ensaios sobre o judaísmo e o Talmud, onde se teria um “segundo”. Fora do contexto semita, Levinas se tornou conhecido através de sua obra *Totalité et Infini* (1961), em que propõe um personalismo bíblico, apresentado, de modo racional, baseado, em parte, na síntese das reflexões cartesiana e kantiana e de uma experiência de fé traduzida em termos de existência. Aí encontra-se o “terceiro Levinas”, ou seja, o da “alteridade”. O projeto do “último Levinas” é descrever, na exterioridade metafísica, a “origem” das verdadeiras relações humanas. A metafísica, ciência do infinito, deve substituir a ontologia, ciência do ser. O infinito é o absolutamente Outro, transcendente, diante da totalidade de um conjunto, fechado, idêntico, imanente de sistemas. A exterioridade do outro é um apelo, ou melhor, uma interpelação ao eu e a relação fundamental em que se estabelece entre ambos é a do falar, a do dialogar, a do ensinar. O ensino é a marca da exterioridade que penetra o eu e o faz transcender através da linguagem. O próprio Deus nos ensina através da sua revelação gratuita. As relações sociais aparecem, pois, como uma experiência, por excelência, fundada na exterioridade; são diretamente pessoais, baseadas na consciência moral. Para Immanuel Kant, os seres racionais são chamados pessoas, uma vez que, a sua natureza constituem-nas como fins em si. Segue-se daí que toda relação entre um eu e um tu, nesta experiência pessoal sem conceito, só pode ser uma relação de transcendência. O outro se apresenta, então, como o Outro que transborda a medida do conhecimento. Esta breve indicação atesta a riqueza da análise filosófica de Emmanuel Levinas, ao mesmo tempo personalista e metafísica, absolutamente aberta e transcendente, em interface com categorias da alteridade.

Porta é sempre um outro para o *cogito* vivido, pré-reflexivo, de um eu que não só se comporta, mas também reflete sobre como se comportar. Por detrás de uma interação – a porta e o eu – vê-se claramente a aplicação dos princípios filosóficos de Levinas, um dos introdutores da fenomenologia nos países de língua francesa. A abordagem de uma tal interação quer ser ainda uma leitura de nossa realidade conflitiva, tanto pelo lado denunciador e crítico de uma egologia autossuficiente, de uma ontologia totalitária, quanto pelo lado anunciador de uma outra antropologia e com outra significação para a metafísica e para a subjetividade, a partir da alteridade.

O discurso sobre o além da essência – o outro modo que ser – é o núcleo da síntese filosófica de Emmanuel Levinas<sup>2</sup>. Para ele, o termo essência designando o ser, o *esse* no sentido específico de *eidós*, de natureza, de equidade, constitui a ontologia da totalidade, o grande paradigma ocidental dominante. “Ser ou não ser” não é mais a única questão. A justificativa do ser não é a tarefa última da filosofia. Existe um para além da essência, um outro modo de ser que, antes mesmo de ser, é dádiva e diferença, encontrando-se para além de toda racionalização, conceptualização ou generalização. Este para além que não se deixa amordaçar pela linguagem do ser, do sendo e da essência é a experiência da alteridade. O modelo heterocêntrico de Levinas traduz a realidade da necessidade do outro que constantemente me apela e me interpela, me requer e me prende. O outro é sempre rosto, *visage*, mensagem, endereçada à minha subjetividade livre. Esta nova metafísica é a do encontro do eu com o outro, único e originário a que o eu se liga de modo eminentemente assimétrico. Neste encontro está fundamentado o valor, e o seu formulário ético: se a exigência do outro domina a minha liberdade e tudo o que se nos acontece, então minha interioridade consciencial face a este mesmo outro será o modo da minha realização como ser humano no mundo.

Reformulando o alterocentrismo levinasiano, levarei em consideração, nesta palavra de abertura, um *outro* diferente do elaborado pelo filósofo franco-lituano, com o qual convivemos cotidianamente, dia a dia, momento por momento, a saber,

---

<sup>2</sup> LEVINAS, Emmanuel. *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*. La Haye: Martinus Nijhoff, 1974.

o *outro-porta*. Situamo-nos frente a frente à porta enquanto nos apela e nos interpela, enquanto nos liberta e nos prende. Porta é sempre mistério, acolhida para o infinito. Como a porta se comporta diante do homem, como o homem se comporta diante da porta, eis um o fenômeno original, um face a face, não menos evidente do que aquela situação última sobre a qual nosso filósofo se refere em sua obra<sup>3</sup>. Sim, a porta e o eu, o eu e a porta, falemos sobre esta relação.

Porta é sempre fronteira, visível ou invisível, real ou simbólica e fronteira só existe, única e exclusivamente, para delimitar; fronteiras separam, dividem espaços: o interior do exterior, nossas casas das outras, nossas cidades das outras, nosso país dos outros. Mas não somente o *nosso* do *outro*. Fronteiras separam também o profano do sagrado, o finito do infinito. A realidade, contudo, não existe separada, dilacerada, mas reunida, ou melhor, unificada. Pois a porta é um termo de reunificação, é a realidade que *re-une*, *re-unifica*, espaços divididos, dilacerados. É o ponto onde o limite é violado, possibilitando ao homem a passagem de uma área à outra. Quem atravessa a fronteira ilegalmente, às escondidas, corre sérios riscos, mesmo o de morte. A porta, ao contrário, é feita para os que têm acesso livre, os que gozam de direito pleno de trânsito e, portanto, para todos os que não precisam se esconder. Nesses termos, quem passa pela porta age sempre límpida e transparentemente, é linear. Quem pula ilegalmente o muro, manipula o proprietário, terá que vencer obstáculos sempre novos para não ser visto, pisará sem dúvida, nas plantas, esmagará as flores, correrá o risco de tropeçar e cair, enfim, precisará também manipular após ter pulado o muro.

No que concerne ao seu significado original, porta é sempre entrada, acolhida. Entrada de uma construção ou para um espaço fechado, delimitado. Entrada, por sua vez, implica em abertura e, abertura, em possibilidade de passagem. A porta possui também duas características intrínsecas: a de estar aberta ou fechada; geralmente, possui uma fechadura que pode estar trancada. Quem deu a volta na fechadura fechou-se, quem colocou a tranca na porta trancou-se; sente-se, portanto,

---

<sup>3</sup> LEVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini*: essai sur l'extériorité. La Haye: Martinus Nijhoff, 1961.

em plena segurança. Ninguém o incomodará; estará tranquilo até que, alguém bata à porta e essa venha a ser, de novo, por ele mesmo, aberta. Diferente, entretanto, é o estado de espírito daquele que foi por um outro fechado, trancado do lado de fora por uma mão estranha, por um olhar alheio ou por uma intenção secundária. Esse se sente preso, intranquilo, angustiado. Na origem de todo cativo, de toda prisão existe sempre uma atitude de soberba, a vontade de trancar os outros para poder possuí-los e usá-los. Desta forma, espaços delimitados podem ser trancados e pessoas também.

Existem, contudo, portas que não podem ser trancadas; portas abertas, eternamente escancaradas, delimitando áreas diferentes, portas sem batentes, que permitem, favorecem a passagem continua e indefinida e que só servem para demarcar; na verdade, constituem unicamente um marco entre dois ou mais espaços. São independentes de quem as utiliza, indicando somente a direção a ser seguida. Às vezes, estão em total desconexão com o edifício, com a absoluta desarmonia por elas marcada. São em geral enormes, robustas e independentes. Na maioria das vezes, estas portas eternamente abertas, são erguidas por famílias ou pelo Estado em memória de pessoas ilustres. São as portas que encontramos na cidade antiga, os inúmeros arcos ricamente esculpidos de vitórias, de triunfos, para o orgulho e a glória dos vencedores. Atravessar uma porta destas, um arco destes, num dia solene, festivo é representar, tornar presente, no *hic et nunc* da existência, a vitória. A porta toma, então, a feição litúrgica de monumento, de lembrança, de memorial, ou seja, é testemunha de um marco, de uma prova; é a celebração do acontecimento vivido no *hodie da história*. É a porta continuamente presente, sempre atenta para que todos possam ver e, vendo-a, celebrar o testemunho perene de um evento. É a porta *mártir*.

Existem, ao contrário, portas que permanecem sempre trancadas, que só se prestam ao uso de transeuntes muito especiais. São as portas relevantes para pessoas *VIPs* e as de emergência, as muito importantes para todos os que com ela convivem. Estas portas de emergência existem, mas delas não fazemos caso; permanecem despercebidas nos edifícios, nos shoppings e nos aviões, quase camufladas, sempre hermeticamente trancadas, não obstante sejam extremamente necessárias. Por elas,

normalmente, nunca passamos nem desejamos fazê-lo. Mas, no momento do incêndio, do acidente, do pânico, do terror, na hora em que, no avião, de passageiros viramos reféns, estas portas se nos apresentam como a única saída; é a porta salvadora, libertadora! Sua importância capital se faz patente por ser o caminho sem alternativas, ou seja, o *único*. Por esta porta não se passa, contudo, sem confusão, sem medo, sem choro, sem dor, sem sofrimento. A porta de emergência é muito mais comporta. Serve muito mais para cuspir, para vomitar aqueles que na hora do sufoco, do aperto, da desgraça, clamam pela liberdade e pela vida.

De todas as suas características, a mais importante é ser a porta um ponto de demarcação para o eu, isto é, ser alvo de um ato de consciência, ser algo diante do qual o homem não pode não *se* decidir. Demarcando o espaço, a porta demarca também o homem. Diante dela, o eu se encontra sempre, tendo que abrir ou fechar para entrar ou para sair. Entrar, sair, abrir, fechar estão sempre em correlação. São ações equivalentes, se levamos em consideração a porta, mas não são sinônimos se tomamos o homem como ponto de referência, ou seja, como alguém que se define a partir de atos conscientes. O homem, quando age, opta, e o faz mediante o que é importante para si. Quando prefere uma das direções, consciente ou inconscientemente, dirige sua vida a fim de ali se estabelecer. O homem vive optando, nem entra, nem sai, sem antes se decidir. As duas orientações possíveis não podem ser tomadas ao mesmo tempo, mas, a opção por uma se lhe é sempre imposta. A porta é, pois caminho para a felicidade ou para a caotização, para a morte ou para a vida. As grandes decisões o homem sempre as toma, mediante passagens. É desta forma que falamos sobre a porta do tempo e a porta da eternidade.

Fala-se ainda do *limiar* que, na maioria dos casos significa a travessa inferior da porta. É aqui que a sua natureza, como fronteira, ou como limite, torna-se ainda mais evidente. Ultrapassar o *limiar* de uma porta é um ato de altíssimo significado, expresso linguisticamente pelo frequente emprego desta palavra em sentido metafórico.

A partir desta introdução reflexiva sobre uma fenomenologia da porta como acesso e recurso, sinalizando para o coração que acolhe existencialmente o outro,

para a reciprocidade de consciências, para uma interioridade sempre *responsiva* e *insatisfazível*, abre-se esta edição toda dedicada a Emmanuel Levinas, para quem, os macro-paradigmas da totalidade e do solipsismo, em filosofia, são incompletos, insatisfatórios e inadequados. O eu não existe senão para o outro, não se conhece senão pelo outro, não se encontra senão no outro. O coração relacional antropológico – “lev”, “lelav”, tão misterioso e único, aquele que em hebraico não só ama e trama, mas também pensa e reflete, abrindo-se bem mais do que a porta, *Patet porta, magis cor* – nos mostra, com Levinas que *to be or not to be, that's not the only question*. Para quem e para além da justificação do ser está o significado da sua relação com o outro.

*Antônio Henrique Campolina Martins*  
*Editor da Revista*